

EVOCAÇÃO DA GRIPE PNEUMÓNICA (1918) EM MACEDO DE CAVALEIROS:

NARRATIVA FICCIONAL E HISTÓRICA

Otília Lage¹

¹ CITCEM|FLUP – Grupo de Populações e Saúde, otilialage@sapo.pt

Resumo

A gripe pneumónica ou Gripe Espanhola, por ter vindo de Espanha pela fronteira alentejana, pandemia mortífera associada à I Guerra Mundial, vitimou quase 50 milhões de pessoas no mundo e mais de 50.000 pessoas em Portugal. Logo esquecida, perdurou difusa no imaginário das populações, húmus sócio-cultural que alimenta o romance «Um tiro na Bruma», de Manuel Cardoso (2007), que aborda a pneumónica em Macedo de Cavaleiros, concelho do Nordeste Transmontano. Este romance histórico-policial é mobilizado como fonte literária e documental, que se analisa na fronteira da História e Ficção, através das «Representações Sociais», cruzando narrativa literária, matéria histórica e científica e dados factuais, numa abordagem às manifestações e impactos desta epidemia letal nesse município central do Nordeste Transmontano.

Palavras-chave: Gripe Pneumónica (1918), Macedo de Cavaleiros, Nordeste Transmontano, Representações sociais.

1. A PNEUMÓNICA OU GRIPE ESPANHOLA NA HISTÓRIA, NA CIÊNCIA E NA LITERATURA

Há um século, a gripe pneumónica de 1918, conhecida em Portugal como a «Pneumónica» ou a «Espanhola», por ter chegado aqui a partir de Espanha pela fronteira alentejana (Vila Viçosa), pandemia de origem geográfica desconhecida, extremamente maligna e das mais mortíferas de sempre, à qual não terá sido alheio o drama da I Guerra Mundial², vitimou entre 50.000 a 70.000 pessoas no nosso país e quase 50 milhões de pessoas em todo o mundo, tendo causado «em poucos meses, mais do dobro de mortos que a própria

² Para Alfred Crosby, isto ficou a dever-se ao facto de ter sido a imprensa espanhola (a Espanha era neutral) a primeira a revelar a existência da doença, pois os países beligerantes tinham a imprensa censurada e, só tardiamente, deram conhecimento público da situação. (Sequeira, 2001).

guerra tinha feito em quatro anos, e um terço do que a peste em seis séculos!» (Sequeira, 2001).

A pandemia de 1918, um dos anos mais trágicos na história da humanidade³, inicia um novo período na epidemiologia da gripe, que passou a ser uma das causas de maior morbidade e de mortalidade na Europa Ocidental. A gripe ou *influenza* (pois acreditava-se que aparecia por influência dos astros) é uma doença respiratória aguda, provocada por um vírus isolado no homem em 1933. . . Tem um quadro clínico de febre, mialgias, cefaleias (Sequeira, 2001) e outras afecções, sendo a complicação mais grave a pneumonia primária, a *influenza*, levando muitas vezes à morte em 24 ou 48 horas por dificuldade respiratória aguda. A tecnologia moderna, com progressos espetaculares no campo da virulogia, da biologia molecular e da genética, tornou possível o estudo de partes do vírus responsável pela catastrófica pandemia de 1918 (Sequeira, 2001)⁴.

Desta calamidade que dizimou famílias inteiras e, particularmente, adultos jovens, também em Trás-os-Montes e, em particular, nas 63 freguesias e aldeias do concelho de Macedo de Cavaleiros (o município mais jovem e de maior centralidade do Nordeste Transmontano)⁵, se faz eco muito impressionante no referido romance histórico-policial, *Um Tiro na Bruma* (2007), ao longo de 6 dos seus 23 capítulos⁶. Esta narrativa literária da gripe pneumónica assenta em fontes escritas e orais, testemunhos, depoimentos e memórias familiares, textos científicos e históricos e notícias de jornais, um conjunto diversificado de documentos reunidos em aturada pesquisa histórica e científica, como se pode comprovar pelo extenso e criterioso arquivo pessoal, diário da investigação realizada para a criação ficcional, que documenta e contextualiza esta calamidade pública, marcada por numerosos casos fatais e «estado de emergência» em todo o país⁷. Pode encontrar-se ainda neste dossier, para além de numerosos dados e informações diversas sobre o concelho de Macedo de Cavaleiros, em que «grassa com intensidade a gripe pneumónica, havendo mais de 300 pessoas atacadas»⁸, referências concretas, em notícias de imprensa da época, ao que se passava então noutros concelhos do Nordeste Transmontano.

³ Destaca-se entre outros antecedentes desta mortífera pneumónica, outra grave pandemia de gripe com origem na Sibéria, que afectou em fins de 1889, entre 15 a 70% da população mundial, tendo vitimado metade da população lisboeta.

⁴ O interesse pelo seu estudo reactivou-se a partir de 1997 em vários países do mundo.

⁵ Ver Anexo I: «Macedo de Cavaleiros – Centralidade geográfica e elementos demográficos».

⁶ Capítulos XIII a XIX, p. 146-229.

⁷ Dossier de arquivo do escritor Manuel Cardoso, suporte documental de apoio à construção histórica do romance, que nos foi generosamente facultada pelo seu autor.

⁸ «D.N.», 15-10-1918; correspondência de 6 de Outubro.

Por exemplo, em Carrazeda de Ansiães «não há pão, açúcar, leite, arroz» e «há pessoas a morrer à fome», tendo-se registado «126 mortos num mês»⁹; em Mogadouro, onde «o estado moral era muito baixo», com «10 mortos por dia»¹⁰; ou também em Alfândega da Fé, «com mais de 10 casos de óbitos diários»¹¹.

1.1. O alastrar da «pneumónica» em Portugal

Em Maio de 1918, a gripe dissemina-se por todo o país com o regresso dos trabalhadores sazonais alentejanos vindos de Badajoz e de Olivença, peregrinações e ligações rápidas entre Madrid, Lisboa e Porto. Foi um surto breve, com uma mortalidade de 6,6 por 100.000, ultrapassado em Julho, não encarado muito a sério, apesar da apreensão de parte da comunidade médica. Em fins de Agosto, vários casos de pneumonia fulminante (Gaia) alarmaram a população, que julgava ser peste pneumónica, mas as autoridades sanitárias dizem ser uma forma altamente mortal de *influenza*, desconhecendo porém as medidas para a combater. Era o início da «segunda onda». Nesta altura (princípios de Setembro), a Comissão Sanitária dos Países Aliados, cujo delegado em Portugal era o Dr. Ricardo Jorge (então professor da Faculdade de Medicina, Director Geral de Saúde Publica e delegado no Comité do Ofício Internacional de Higiene Pública), anuncia que o mesmo fenómeno estava a acontecer noutros pontos da Europa, sobretudo entre os soldados. Quando foram atingidas as grandes cidades, as populações entraram em pânico, pois a gripe estendeu-se a todo o Norte do país, levada principalmente pelos soldados com licença para regressar às suas terras. Com as feiras, romarias e vindimas, comuns nessa altura do ano, muitas populações e trabalhadores deslocavam-se de umas regiões para outras, sendo também outra via de disseminação da doença as deslocações para as termas ou estâncias balneares dos estratos sociais mais privilegiados.

Desde os fins de Setembro que os jornais davam notícias de uma «epidemia que zomba da medicina» (A Capital, 25-9-1918), mas já havia populações dizimadas em várias comunidades nortenhas, onde, ao contrário do habitual, os casos mais graves e mortais atingia a população jovem, caso que se encontra ainda pouco estudado.

⁹ «D.N.», 11-10-1918.

¹⁰ «D.N.», 25-9-1918.

¹¹ «D.N.», 29-10-1918; correspondência de 21 de Outubro.

1.2. A Pandemia gripal segundo o Dr. Ricardo Jorge

Este relatório sanitário de saúde e higiene pública (Jorge, 1919: 1-35)¹² foi antecedido de artigos, notas, comunicados e mais dois relatórios do mesmo médico, professor da Faculdade de Medicina e detentor de outros cargos: «A influenza, nova incursão peninsular» (apresentado ao Conselho Superior de Higiene em 18 Junho 1918) e «A influenza e a febre dos Papatazes» (Jullho-Agosto 1918), que foram reproduzidos de imediato em Portugal, na imprensa quotidiana e jornais de Medicina. Desenvolve-se em 3 grandes tópicos: Epidemiologia, Natureza e Complicações e Profilaxia.

Debelada a epidemia da Pneumónica nos inícios de 1919, esta tragédia imensa que pareceu votada a um esquecimento generalizado, apesar do avanço da tecnologia ter permitido estudar algumas das características do vírus da *influenza* espanhola de 1918, perdurou, porém, difusa e sofrida, na memória e no renascer de novos medos dos povos e nas histórias e memórias das populações.

Daí que se nos imponha uma observação transdisciplinar, assente numa tentativa de análise plurifacetada, construída no cruzamento da matéria histórica, científica e literária.

2. DA HISTÓRIA E DA LITERATURA

Assim, para uma leitura conceptual, reflexiva e complementar sobre esta pandemia mortífera dos inícios do séc. XX, que se tenta aqui e agora esboçar, optou-se pelo romance histórico, uma das mais ricas tradições e um dos mais cultivados géneros da ficção portuguesa, originalmente de estética romântica, mas cuja evolução o tornaria objecto de reabilitação contemporânea, de que é exemplo o romance histórico e policial pós-moderno aqui escolhido para estudo, porque nele se reescreve e historia o passado centenário deste acontecimento populacional, valorizando perspectivas em geral ocultas na história oficial.

Atendendo à evolução interdisciplinar recente de novas práticas historiográficas e partindo da premissa que o romance histórico «não é outra coisa que uma constante interrogação dos tempos passados, em nome dos problemas, das curiosidades, e também das inquietações e angústias com que nos rodeia e cerca o tempo presente...», reflecte-se sobre a história como ficção

¹² Ver resumo em Anexo II.

e a ficção como história, com Saramago, Prémio Nobel da Literatura (1999) (Saramago, 2000)¹³.

A História não é outra coisa que uma constante interrogação dos tempos passados, em nome dos problemas, das curiosidades, e também das inquietações e angústias com que nos rodeia e cerca o tempo presente. (...) assim, História e Ficção seriam expressões da mesma inquietação dos seres humanos, os quais (...) teimam em procurar, na impalpável névoa do tempo, um passado que constantemente se lhes escapa e que hoje, talvez mais do que nunca, quereriam integrar no presente que ainda são.

Desde finais do século XX, a partir de novas aproximações teórico-metodo-lógicas, muitos historiadores (Bosi, Hayden White e La Capra, Ginzburg, Chartier...) debateram e debatem as fronteiras polémicas e complexas entre História e Literatura (Barbato, 2014: 94-102), designadamente para melhorar e completar o entendimento e compreensão das identidades e das memórias sociais e, em definitivo, dos acontecimentos e momentos históricos. A própria história já assumiu que o passado, nos modos como «realmente aconteceu», é, senão impossível, pelo menos incompleto. E é essa incompletude da verdade, não a sua ausência, que aliada ao facto de que a história, ao passar pela narrativa e pela escrita como literatura, se torna suficiente para sair do seu campo especial, só seu, por não se poder ignorar a contaminação daí resultante.

Sendo hoje inquestionável a importância da Literatura enquanto «analyseur» para o conhecimento da História e a sua estreita relação para se alcançar explicações mais completas em ambos os campos, procurar-se-á identificar e perceber aqui quer inter-relações entre as respectivas narrativas e sua contribuição para «iluminar» este momento histórico e a inscrição nele da sociedade rural transmontana, quer o impacto da criação literária no comportamento e pensamento dos diversos grupos sociais convocados. Tenta-se apreender mais do passado através da narração dramatizada que nos é proporcionada pela criação literária, a qual não é só um produto cultural, mas também um evento histórico a estudar nas suas múltiplas variáveis – demográficas, económicas, sociais, culturais e ideológicas –, que permitem conhecer como se moldam comportamentos e identidades, e compreender melhor «representações» e sociedade.

¹³ O escritor refere-se aqui à obra «O Mediterrâneo» do historiador francês Fernand Braudel, que cita.

2.1. Sobre a gripe pneumónica em Trás-os-Montes: cruzando olhares ficcionais e dados factuais

Do húmus cultural entretecido no imaginário histórico e social, se alimentaram algumas criações literárias como por exemplo, entre nós, o romance «Um tiro na Bruma», de Manuel Cardoso (2007), que se desenrola no Nordeste Transmontano, em especial, num dos seus concelhos mais jovens e centrais, Macedo de Cavaleiros, no qual se entrecruzam discurso literário e narrativa factual, devidamente ancorados num significativo arquivo pessoal de numerosas fontes, documentos e bibliografia de natureza histórica e científica¹⁴.

2.2. A Gripe de 1918 em Macedo de Cavaleiros no romance *Um tiro na bruma* (2007)

Aí, perpassam com verosimilhança representações sociais e culturais do súbito e avassalador surto da pneumónica, do ambiente de grande morbilidade do aglomerado populacional local, dos meios clínicos e higiénicos de combate, da generalização súbita dos casos de doença e mortes, e de uma ambiência geral de dor, consternação e impotência colectivas de que foi único refúgio a crença e religiosidade popular, assim se percepcionando imediatas repercussões demográficas, sociais e culturais desta pandemia.

Ao cruzar esta narrativa literária sobre a pneumónica com outras fontes históricas – registos de óbitos das localidades de Macedo de Cavaleiros, aí mencionadas como as mais afectadas (Vale de Prados, Castelãos, Grijó, Vilarinho de Agrochão, etc.), e notícias de imprensa – procura-se, no campo da história cultural e social, ensaiar uma análise na perspectiva transdisciplinar entre literatura e história, nas suas especificidades próprias, através das noções teórico-metodológicas de «representações» colectivas e identidades sociais (Chartier, 1988) inscritas nos textos ou produzidas pelos indivíduos.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas)... para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

¹⁴ Consultar Anexo II: descrição sucinta do dossier de arquivo do escritor Manuel Cardoso, suporte documental de apoio à construção histórica do romance, que nos foi generosamente facultado pelo seu autor.

¹⁵ Sopa de Letras, Março de 2007, ISBN: 9789728708269, http://www.principia.pt/epages/960704007.sf/pt_PT/?ObjectPath=/Shops/960704007/Products/103020024

(...) As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (Chartier, 1988: 17).

Foi por este dispositivo analítico que se orientou a leitura dos fragmentos literários alusivos ao impacto social da pneumónica e suas representações na inscrição do tempo num dado espaço da representação, com vista a uma compreensão mais por dentro do vivido no decurso desta histórica «trilogia mórbida» – miséria, guerra e morte – do «ano negro de 1918».

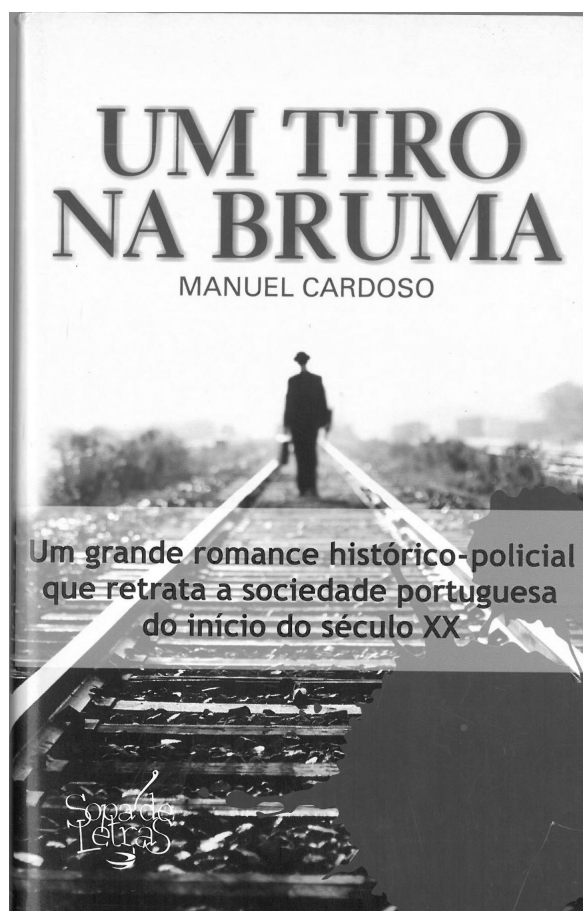


Fig. 1 – *Um tiro na bruma* (2007)¹⁵

A trama romanesca sustenta-se numa tessitura de documentos, testemunhos, memórias individuais e colectivas, factos e segredos familiares, ambientes de miséria e episódios diários locais, historicamente contextualizados no panorama nacional da Primeira República, com seus golpes, contra-golpes e conflitos político-partidários, culminando na adesão local de certos núcleos de Trás-os-Montes à «Monarquia do Norte» de Paiva Couceiro e na morte de Sidónio Pais, sem deixar de ter por amplo referente à escala internacional a I Guerra Mundial (1914-1918) e a entrada e participação de Portugal no grande conflito bélico.

O cenário deste «romance histórico-policia» situa-se num elevado número de freguesias e aldeias recônditas do concelho de Macedo de Cavaleiros, cuja população global registou, no período em observação, a perda de 2.541 habitantes (de 20.917, em 1911, passou para 18.376, em 1920), uma súbita e enorme baixa provocada pela drástica mortalidade e acentuada quebra de natalidade, a qual só foi recuperada ao longo das seis décadas seguintes¹⁶.

Os quadros seguintes relativos ao concelho de Macedo de Cavaleiros em matéria de óbitos em geral associados à gripe pneumónica, permitem uma observação mais concreta e detalhada das elevadas taxas de morbilidade e mortalidade desta epidemia, que duplicaram em relação aos anos intermédios, num crescendo verificado a partir de Agosto e concentrado nos meses de Setembro, Outubro e Novembro de 1918.

Tab. 1 – Óbitos no concelho de Macedo de Cavaleiros (1917-1920)

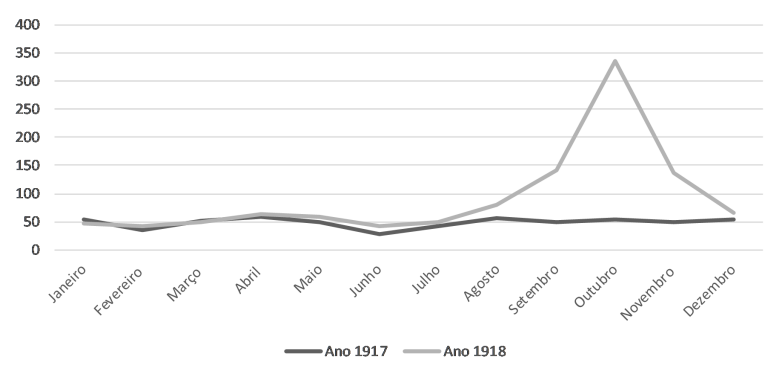
Anos	Óbitos
1917	582
1918	1.122
1919	528
1920	627

Fonte: Livros do Registo Civil de Macedo de Cavaleiros.

¹⁶ A quebra populacional registada recentemente, acompanha a desertificação acentuada das terras do interior, verificada sobretudo a partir dos anos 1990, devido a factores diversos.

¹⁷ Aparecem designações como «moléstia ignorada», «moléstia desconhecida», «doença ignorada».

Fig. 2 – Óbitos por gripe no concelho de Macedo de Cavaleiros (1917-1918)



Fonte: Livros do Registo Civil de Macedo de Cavaleiros.

 Tab. 2 – Óbitos por gripe em 63 localidades do concelho de Macedo de Cavaleiros (1918)¹⁷

Meses	Ano 1917	Ano 1918	Povoações com maior mortalidade e nº de óbitos em 1918
Janeiro	54	47	1. Macedo de Cavaleiros (68)
Fevereiro	36	42	2. Grijó (44)
Março	52	50	3. Talhinhas (42)
Abril	58	64	3. Chacim (42)
Maio	50	58	3. Talhas (42)
Junho	28	42	4. Castelãos (40)
Julho	43	50	5. Vale de Prados (16)
Agosto	56	80	
Setembro	48	142	2ª vaga de gripe
Outubro	54	336	Set., Out., Nov. = 614 mortes
Novembro	49	136	
Dezembro	54	65	
Totais	582	1.122	

Fonte: Livros do Registo Civil de Macedo de Cavaleiros.

A este propósito, leia-se o seguinte trecho do romance em análise, no qual se aflora ficcionalmente a preocupação documental, à época latente, com o crescendo de doentes e mortos provocados pela «gripe pneumónica», nos meses mais críticos, por influência contagiosa de migrações populacionais e ambiência social e cultural generalizada de penúria e indigência.

[...] Setembro era um mês de mexer com muita gente. Das vindimas do Douro vinham para cá jornaleiros e para cá regressavam os que daqui tinham ido. Vinham também os romeiros das festas... havia sempre uma pequena multidão de indigentes e pedintes que se iam arrastando por aqui e por ali... Andavam sempre a pé de um lado para o outro... a arrastar a doença, a tentar fugir da morte e da fome... Os jornaleiros e gentes de outros mesteres andavam de jeito diferente, porte orgulhoso, passo mais decidido... E havia os ciganos... juntavam-se todos nas feiras e romarias... Só que neste fim de verão... Estavam a vir para um... enorme coval de enterrar mortos. O doutor Amadeu dera-se conta disso já desde Agosto. Por curiosidade científica e por insistência da Junta Central de Higiene, ia tomando nota dos casos de doentes que havia. Num caderno de folhas de papel almaço... inscrevia os seus casos e os que tinha conhecimento pelos colegas e ainda todos os que, sem observação certa, chegavam até si por «ouvir dizer». Tinha também uma folha para os óbitos, os que sabia de fonte segura pelo registo civil e os que lhe chegavam aos ouvidos pelas mais variadas fontes. Aldeia por aldeia, dia a dia. Fazia somas por semanas, por vezes corrigidas à posteriori sempre para cima e que lhe forneciam... uma visão de evolução. Os seus números poderiam pecar sempre por defeito nunca por excesso. Como tal, se a coisa estivesse a ficar preta no papel, seria porque a realidade estaria negríssima! [...](Cardoso, 2007: 189-190).

Quem assim fazia estes registos era o personagem central deste romance, o médico Amadeu Cardoso (1873-1946), casado com uma descendente dos Morgados Oliveira de Macedo¹⁸, avô paterno do escritor¹⁹, o qual era, na altura da pneumónica, o subdelegado de saúde de Macedo de Cavaleiros, a quem «competia assistir aos expostos, às amas e aos pobres» (Cardoso, 2007: 146). Pela actuação clínica e humana deste médico, autêntico João Semana, que na altura da pneumónica assistia aos «doentes que passavam largamente das centenas e registava os mortos que subiam das duas dezenas em todo o concelho» (Cardoso, 2007: 194), acorrendo aos sítios mais miseráveis, primeiro sózinho e logo depois acompanhado do padre com a extrema santa unção para os moribundos, vai-se acompanhando o sofrimento e pavor crescente das populações – «aves lúgubres a voar de preto» (Cardoso, 2007: 204) – afectadas pela pandemia nas suas duas vagas ou ciclos: «uma primeira,

¹⁸ Ver esquema genealógico dos Morgados de Macedo (Cardoso, 2007: 13)

¹⁹ O escritor, médico veterinário, natural e residente em Macedo de Cavaleiros, foi Professor da Escola Superior Agrária do IPB, e é autor de vários textos científicos na sua área de especialidade e ainda do livro de contos *Quartzo* (Coimbra, Quarteto, 2000).

entre Maio e finais de Julho, mais branda, em que a epidemia se manteve em situação mais ou menos controlada, a que sucedeu um segundo ciclo, entre Agosto e Dezembro, terrivelmente dramático, assumindo efeitos verdadeiramente devastadores» (Rollo, 2008).

As dimensões referidas tornam-se ainda mais operantes para o entendimento da importância desta narrativa literária, de grande valor documental, sobre a «trilogia mórbida» do «ano negro de 1918», delineada no romance histórico analisado, com noções e informações sócio-históricas, epidemiológicas e científicas precisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* ficcional analisado em função das representações sociais relativas ao deflagrar e evoluir da Gripe Pneumónica ou Espanhola de 1918, selecionado no romance histórico e policial «Um Tiro na Bruma» (2007), de Manuel Cardoso, capítulos relativos à ocorrência no concelho de Macedo desta trágica pandemia gripal, aí bem contextualizada e ancorada em grandes acontecimentos históricos da época (Grande Guerra, Primeira Republica...), foi complementarmente esclarecido, ao nível da matéria histórica, pelo dossier de arquivo do escritor deste romance²⁰, autêntica radiografia da sua escrita minuciosa, do ponto de vista histórico-científico. Tudo isto contribui para conferir a esta fonte de natureza literária um elevado valor documental.

2. Quanto à premissa analítica da interrelação entre história e literatura, pode verificar-se que o diálogo entre estes dois domínios contribui para uma compreensão potencialmente mais rica e pormenorizada deste relevante acontecimento da história das populações anónimas e de uma sociedade rural, observada em particular, permitindo aprender historicamente mais sobre o passado através das narrativas ficcionadas e dramatizadas que a literatura nos proporciona. Porém, subjacente a este entendimento, duas perguntas continuam a subsistir: a) quanto da matéria histórica se reflecte no campo da literatura?; b) como a sociedade configura a percepção da história? (Rodríguez Garrido, 2015: 423-436).

A resposta depende quer da dimensão, reconstituição e qualidade histórica dos textos literários, quer da qualidade da narrativa e escrita literária dos textos históricos e, naturalmente, também do impacto que a literatura pode ter no pensamento e comportamentos dos diversos grupos sociais. As leituras a partir da literatura podem moldar o conhecimento da história e da

²⁰ Descrição sumária do dossier de arquivo – Anexo II.

forma como vemos o mundo. O conhecimento e o estudo da literatura são, pois, importantes para o conhecimento da História, na medida em que permitem entender como se moldam comportamentos e identidades individuais e colectivas e se reconstituem memórias e materiais de memória relevantes para a reconstituição histórica. Ambas as disciplinas podem e devem mobilizar suas estreitas e intrincadas relações com vista a explicações mais ricas e densas de acontecimentos históricos relevantes como este. O enfoque privilegiado possibilita observar este cataclismo populacional nacional, de escala mundial, a uma luz histórica e socialmente mais vasta e polifacetada graças ao cruzamento de uma diversidade de fontes, perspectivas e variáveis que concorrem para aumentar e aprofundar o conhecimento histórico-social da Pneumónica de 1918 e suas repercussões no nordeste transmontano, região a este nível menos estudada, quer «no tempo dos lugares» quer no «tempo nacional», diferenciados mas complementares.

Bibliografia

- AMARAL, Marques R. (1996). Abordagem Clínica da Gripe. *Pathos*, nº 9, Out.
- ANDRADE, M. Helena Rebelo de (1996). História das Grandes Pandemias de Gripe. *Pathos*, nº 9, Out.
- BAKHTIN, M. (2003). *Estética da criação verbal*. Martins Fontes, São Paulo.
- Barbato, Luís Fernando Tosta (2014). História e Literatura: considerações a respeito de um eterno dilema. *Revista Espaço Académico*, nº 158, Jul. 2014, pp. 94-102. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/22762/13207>
- CARDOSO, Manuel (2007). *Um Tiro na Bruma: romance histórico-policial*. Sopa de Letras.
- CHARTIER, Roger (1988). *A história Cultural: entre práticas e representações*. Difel, Lisboa.
- JORGE, Ricardo (1919). *La Grippe: Rapport préliminaire présenté à la Commission Sanitaire des Pays Alliés, dans sa session de Mars 1919*. Imprimerie Nationale, Lisbonne, pp. 1-35.
- ROCHA, João César de Castro (org.) (2011). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção*. Argos, Chapecó. Disponível em https://issuu.com/argoseditora/docs/trecho_cortesia_roger_chartier
- ROLLO, Maria Fernanda (2008). 1918: Pneumónica ou a gripe espanhola. *Revista Ingenium*, nº 105, Maio/Junho.

SARAMAGO, José (2000). A História como ficção, a ficção como história. *Revista de Ciências Humanas*, 27, 9.

SEQUEIRA, Álvaro (2001). A pneumónica: Spanish influenza. *Medicina interna*, vol. 8, n.º 1.

TRINDADE, Luís (1998). A Morte Anunciada. *Revista História*, Nov.

FONTES

Arquivos do Instituto Central de Higiene. Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal. Ano de 1917.

Arquivos do Instituto Central de Higiene. Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal. Ano de 1918.

Arquivos do Instituto Central de Higiene. Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal. Ano de 1919.

Arquivos do Registo Civil de Macedo de Cavaleiros. Anos: 1917, 1918, 1919, 1920.

«Diário de Notícias». Ano 1918.

ANEXOS

Anexo I

Macedo de Cavaleiros: centralidade geográfica e demografia



Macedo de Cavaleiros é o concelho mais jovem do Nordeste Transmontano, onde ocupa posição central, sendo assim apelidado de «coração do Nordeste». Com uma área de 699 km², faz fronteira com 7 concelhos vizinhos. Nasceu apenas em 1853, quando a sua sede não ultrapassava, ainda, a categoria de aldeia. Por mercê de D. Luís I, haveria de receber o título de Vila, 10 anos após a constituição do novo concelho. Hoje é constituído por 67 localidades, agregadas em 30 freguesias ou 4 uniões de freguesias e conta com uma população de 15.776 habitantes (2011).

A centralidade geográfica de Macedo de Cavaleiros, cidade muito próxima, por ligações internas, da grande parte das localidades do Nordeste Transmontano, e as novas acessibilidades rodoviárias (A4 e IP2) colocam-na estrategicamente posicionada, relativamente ao norte do país e ao espaço europeu²¹.

Embora o concelho registe quase 16.000 habitantes (Censos 2011), a ela acorre com frequência uma população de cerca de 300.000 indivíduos que, vizinhos de Macedo de Cavaleiros ou de localidades próximas portuguesas e espanholas de menor dimensão, escolhe esta cidade para assistir a eventos de maior relevância, fazer compras, etc.²²

²¹ <https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/330>

²² <https://www.cm-macedodecavaleiros.pt/pages/332>

Macedo de Cavaleiros – Evolução da população (1864-2011)

Número de habitantes														
1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2011
16.653	17.901	18.825	19.200	20.917	18.376	19.781	22.765	25.204	26.199	22.173	21.608	18.930	17.449	15.776

Obs: Número de habitantes que tinham residência oficial neste concelho à data em que os censos se realizaram. De 1900 a 1950 os dados referem-se à população presente no concelho à data em que eles se realizaram. Daí que se registem algumas diferenças relativamente à designada população residente.

Número de habitantes por grupo etário												
Idade	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2011
0-14	6.178	7.495	6.309	6.875	8.064	8.567	9.145	7.345	6.118	4.008	2.512	1.848
15-24	3.597	3.338	3.184	3.574	3.927	4.603	4.486	3.620	3.898	3.176	2.467	1.561
25-64	8.625	8.912	7.695	8.038	9.257	10.335	10.876	9.095	8.860	8.715	8.557	7.932
= ou > 65	880	1.152	1.077	1.322	1.456	1.614	1.692	2.165	2.732	3.031	3.913	4.435

Instituto Nacional de Estatística (Recenseamentos Gerais da População
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Anexo II

Dossier documental de Manuel Cardoso «Um Tiro Na Bruma» (2007)

Apontamentos, notas, entrevistas, testemunhos e bibliografia histórica e científica

Descrição/ Referências	Observações	Sínteses
Informações sobre objectos e peças de valor histórico, propriedade familiar do escritor.	– Pedaco de granada retorcido; – Fragmento de bandeira da República de cetim vermelho.	Bandeira hasteada no Registo Civil de Macedo de Cavaleiros e aí queimada por monárquicos amotinados em 6/10/1911. Reimplantação da Monarquia do Norte por Paiva Couceiro.
Fotografias da época. Porto, 12 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 1919.		
Varias fotografias de época, postais, selos, impressos da Monarquia e Junta Governativa, emissão de notas.	Imagens diversificadas de hospitais de sangue e de enfermagem, de tropas em Estarreja, de movimentações republicanas e contra revolucionárias no Porto, 13 de Fev. 1919, primeiras prisões de monárquicos...	

Descrição/ Referências	Observações	Sínteses
Lista manuscrita (5 p.) de notas relativas a depoimentos e testemunhos de considerados réus – participações individuais em manifestações republicanas.		
Inúmeras notas manuscritas sobre temas diversos.	Informações e dados retirados de jornais, revistas, entrevistas e depoimentos sobre factos políticos, militares, sociais e sanitários da época.	
Apontamentos e notas diversas sobre a vida quotidiana à época no país e em Trás-os-Montes e entrevistas realizadas a idosos com mais de 80 anos alusivas a figuras tornadas personagens do romance.	Vocabulário, vestuário, alimentação, Linha e comboio do Tua, vagonetas, mercadorias transportadas, correios, coretos, guardas, etc.	
<i>Restauração da Monarquia no Norte de Portugal, 19 de Janeiro a 13 de Fevereiro de 1919: A acção da Cruz Vermelha.</i> Lisboa, Agosto 1920, p. 63-139.		
<i>Diário da Junta Governativa do Reino de Portugal.</i> Porto: 19 de Janeiro de 1919.	Restauração da Monarquia. Colecção de Affonso Dornellas.	
<i>Proclamação.</i> Tipografia Lusitana, Mario Antonio Leitão, Rua da Picaria, 7, Porto.	Um exemplar de muitas das proclamações da Monarquia à época.	
<i>Sobre o Porto! Viva a República!</i> [Proclamação].	Um exemplar das múltiplas proclamações da República espalhadas por aeroplanos sobre o Porto (Colecção de Affonso Dornellas).	
José Pessanha – <i>Para a História... episódio do movimento monárquico em 1919.</i> Porto: Tipografia Progresso, 1919, 60 p.	Autobiografia política.	

Descrição/ Referências	Observações	Sínteses
João Baptista Vilares – <i>Para a história da Traulitania: um voluntário da República na defesa de Mirandela</i> . Póvoa de Varzim: Tipografia «O Progresso», 1924, 55 p.	Várias páginas deste livro encontram-se sublinhadas e anotadas pelo escritor M. Cardoso.	Livro com duas fotografias de época de Mirandela «vila heroica» 1919, e dedicatória «à memória de meu irmão, Eugénio das Neves Vilar».
<i>Couceiro, o capitão Phantasia – A incursão das Beiras</i> . (p. 53-82).	Referências várias a Macedo de Cavaleiros.	
Notas e referências bibliográficas manuscritas sobre a I Guerra Mundial (1910 e 1911) e Primeira República.	Acontecimentos principais referentes à implantação da República.	
Notas síntese de notícias sobre a gripe publicadas no «Diário de Notícias» entre 14-1-1918 e 29-10-1918.	Conjunto diversificado de elementos para um «diário da gripe de 1918», Mar.-Out.	– Em finais de Abril e Maio a mortalidade é alta (sarampo, diarreias, brônquios); morrem mendigos, indigentes e ficam filhos sem pais. – DN, Junho «a gripe infecciosa». «doença espanhola», passa em 3 dias de «doença da moda», «nada de medos nem de receios» a notícias alarmantes de grande numero de doentes, empresas e escolas que encerram portas porque a maioria está doente, etc. – DN 19/6 Relatório do Director Geral de Saúde, Dr. Ricardo Jorge ao Conselho Superior de Higiene – recomendações gerais: não é útil o isolamento dos doentes que devem tomar ar livre; evitar atmosferas fechadas e arejar recintos; deixar de visitar doentes e de cumprimentar por beijo e aperto de mão ;quando o mal vier cama, tisanas, dietas e médico nada de drogar-se por sua conta nem com purgas nem com grogues. - DN, Julho.
Relação manuscrita de óbitos em Banrezes entre 1863 e 5-2-1908 com anotações de dados biográficos individuais e sobre locais de enterramento (igreja paroquial, Capela de N ^a S ^a do Rosário e cemitérios públicos).		Referência a uma epidemia em Setembro de 1874 em V.P. em que morreram 37 pessoas num ano, sendo 29 dessas mortes registadas nos meses de Setembro, Outubro e Novembro.

Descrição/ Referências	Observações	Sínteses
COSTA, António Luís Pinto de. <i>Higiene e Saúde em Trás-os-Montes</i> . «Brigantia», Vol. X, n.º 4, 1990.		Câmaras de Vila Real e Bragança possuíam pulverizadores e formalisadores que lançavam vapores de formol nas ruas e carroças que diariamente recolhiam em barricas despejos domésticos, como medidas de higiene pública. Limpeza geral de piolhos que se julgavam transmissores da epidemia; produção nas boticas de fármacos, os «manipulados». Havia um grande número de nados-mortos (4.07%) e de nascidos deformados que morriam à nascença.

Descrição/ Referências	Observações	Sínteses
JORGE, Ricardo. <i>La Grippe: Rapport préliminaire présenté à la Commission Sanitaire des Pays Alliés, dans sa session de Mars 1919</i> . Lisbonne: Imprimerie Nationale, 1919, p. 1-35.		Epidemiologia (p. 7-25) – Duas grandes vagas epidémicas da influenza se passaram em Portugal. A primeira fez-se sentir os primeiros dias de Junho a meados de Julho de 1918 (epidemia primitiva, verno-estival, de difusão rápida, fugaz, simples e benigna), baptizada pela sua proveniência de Gripe Espanhola. Combate-se pelo sequestro das doenças e pela pista dos contactos, removendo a cadeia de contágios... A segunda vaga de Influenza Pneumónica (que já se tinha observado no Porto, na Primavera e Verão de 1896 e depois em 1904 e em Lisboa em 1914...) e se expande de meados de Agosto a fins de Novembro (epidemia secundária, esteve-outonal, transmissão mais elevada e mais lenta, propagando-se por contactos, formando cadeias contagiosas e ininterruptas, altamente maligna e de grande mortalidade diferenciada em grupos etários, pela frequência das localizações pulmonares). Estamos na presença de uma destas vagas secundárias que tomam a direcção Norte-Este (subiu o Vale do Douro e atacou as localidades de uma e outra margem do rio até à fronteira espanhola), e depois inflecte para Oeste e Sul a partir de Trás-os-Montes... propaga-se pelas vias de comunicação e de trânsito por influência de diferentes migrações – militares, navais, populares (feiras, peregrinos, trabalhadores sazonais do Douro...), balneares – movimentos particulares da população que concorrem para veicular o contágio de região para região. Do ponto de vista da disseminação há diferenças quanto à rapidez e ao itinerário... Os grupos etários mais elevados e de maior incidência são: o grupo de 10 a 30 anos com 36% e o grupo de 30 a 50 anos com 26%. Poucos são os remédios e potências preventivas, recorrendo-se em geral ao quinino e ainda injeções de Salvarsan em que se verificou um caso de potenciação da pneumónica.

Descrição/ Referências	Observações	Sínteses
		Natureza e complicações (p. 22 a 30) – A influenza em Portugal assumiu sobretudo três formas clínicas: a simples, a hipertóxica e a pneumónica, com a seguinte sintomatologia: tendência hemorrágica acentuada, expectoração abundante, hemoptises, mortes femininas acentuadas, tendência para abortos seguidos de morte determinando baixas de natalidade, e formas pulmonares variadas. O estado pneumónico fixa-se em geral nos primeiros dias da infecção. Profilaxia (p. 34-35) – Conferiu-se à autoridade sanitária a faculdade de requisitar imóveis para os adaptar ao isolamento dos afectados e hospitalização do casos graves. A profilaxia individual é tão pobre como a colectiva (falta de hospitais e esgotamento de todos os recursos mesmo nos grandes centros). As lavagens frequentes do nariz e da garganta com água salgada, mentolada ou oxigenada eram recomendações correntes de eficácia não comprovada e a prevenção mecânica (uso de máscaras) não bem aceite. O recurso a médicos de todas as idades, mesmo os aposentados e os mais jovens, alunos de 5º ano de Medicina foi muito frequente. Também se fazia a distribuição de géneros e suplementos alimentares (pão, açúcar...), quinino, farinha de linhaça, e outras drogas. Repartiam-se socorros em dinheiro aos indigentes e criavam-se comissões de socorros pra recolha de donativos e beneficência.»
JORGE, Ricardo. <i>Le Typhus Exanthématique à Porto (1917-1919): Communication faite au Comité International d’Hygiène Publique dans sa session d’Ocotobre, 1919.</i> Lisbonne: Imprimerie Nationale, 1920.		
VALDEZ AGUILLAR, Rafael. Pandemia de gripe. «Elementos», Vol. IX, n.º 47, Sep.-Nov. 2002, 37 p.		História longa das gripes no mundo e características clínicas da gripe pneumónica de 1918.

Descrição/ Referências	Observações	Sínteses
«Euro Surveillance», vol. 3, n.º 3, Mar 1998.	Numero Spécial sur la Grippe A (H5N1) de Hong Kong (1997-1998).	
<i>Kyrie Eleison</i> . In «Catholic Encyclopedie».	[texto electrónico]	
<i>Missale Romanum...</i> <i>Missae Defunctorum...</i> <i>Absolutio super tumulum.</i>	[Excertos] pág. 115-121 e p. 130-133.	